



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM
ESPAÑHOL**

MIKAELSON MATHEUS ALVES SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM LÍNGUA ESPANHOLA NA FORMAÇÃO
DO ALUNO LEITOR**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

MIKAELSON MATHEUS ALVES SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM LÍNGUA ESPANHOLA NA FORMAÇÃO
DO ALUNO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura plena em Letras, habilitação em Espanhol, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Licenciado em Letras/Espanhol.

Orientador: Prof. Me. Alessandro Giordano.

CAMPINA GRANDE - PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Mikaelson Matheus Alves.

A importância da literatura em língua espanhola na formação do aluno leitor [manuscrito] : / Mikaelson Matheus Alves Silva. - 2017.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Alessandro Giordano, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Letramento literário. 2. Formação do aluno leitor. 3. Ensino de literatura. I. Título

21. ed. CDD 372

MIKAELSON MATHEUS ALVES SILVA

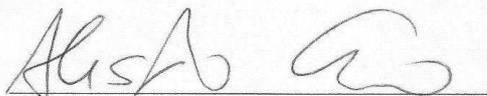
**A IMPORTANCIA DA LITERATURA EM LINGUA ESPANHOLA NA FORMAÇÃO
DO ALUNO LEITOR**

Artigo apresentado ao curso de Graduação em Letras/Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras/Espanhol.

Aprovado em: 11/12/2017

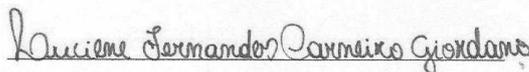
Orientador: Prof. Me. Alessandro Giordano

BANCA EXAMINADORA



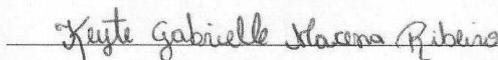
Prof. Me. Alessandro Giordano (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Esp. Luciene Fernandes Carneiro Giordano

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Keyte Gabrielle Macena Ribeiro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE. PB

2017

Aos meus pais, pela dedicação,
companheirismo e por acreditarem na minha
formação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”, como já dizia o escritor e poeta Fernando Pessoa, essa frase resume esse momento de sonho e conquista. Sou grato primeiramente a Deus pela a dádiva da Vida, por ter me capacitado a chegar onde estou e por esta sempre comigo.

Sou grato aos meus pais Maria do Carmo Alves e Claudio Costa por toda a educação dada e ensinamentos que levarei para toda a minha vida, pois vem deles a pessoa que sou hoje, agradeço por todo o esforço feito para a minha formação e por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais felizes da minha vida.

Agradeço a toda a minha família, pelo o carinho desde o primeiro momento da minha aprovação no vestibular até ao termino da minha graduação, em especial a minha irmã Mikaela Alves por esta seguindo os mesmos passos da vida acadêmica. Não poderia deixar de agradecer aos meus primos Maiko Ferreira e Roberta Alves por fazerem parte das minhas conquistas e todo o carinho.

Agradeço a todos que estiveram comigo nesta jornada acadêmica, a minhas companheiras de aulas Laís Regina e Juliana Santos, em especial a minha querida amiga Aline de Oliveira companheira de trabalhos e estagio, por todo o seu desempenho e dedicação. Sou grato aos meus professores do curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da UEPB, em especial a Luciene Carneiro e Keyte Ribeiro por todos os ensinamentos.

A meu querido orientador, que tenho uma admiração enorme e tenho como exemplo Alessandro Giordano, por toda a sua dedicação e disponibilidade, por todas as instruções e ensinamentos e paciência, Obrigado.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA	9
2 O CONCEITO DE LETRAMENTO E LETRAMENTO LITERÁRIO E SUAS PRESSUPOSIÇÕES PARA O ENSINO DA LITERATURA	9
3 O PAPEL DA FAMILIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR ..	16
4 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER	19
5 INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE CONTO, E ANÁLISE DO RELATO DO CONTO <i>LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS DE MANUEL RIVAS</i>.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	25
ANEXO - <i>LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS DE MANUEL RIVAS</i>.....	27

RESUMO

O objetivo deste trabalho discutir a importância do ensino da literatura na formação do aluno leitor, dando ênfase a análise da literatura espanhola, com foco na colaboração em que a leitura do texto literário pode conceder na formação do aluno, avaliaremos os motivos da objeção à leitura, como também as práticas de letramento literário ao ensino da literatura, as dificuldades em que os alunos de ensino básico tem em conceber uma leitura, as condições em que a escola e a sociedade estabelece para esta formação, o quanto elas são essenciais para a aprendizagem, tem como intuito indagar a importância que a família tem nesta formação, quais a suas contribuições ao incentivo a criança a pratica de ler que levará ao passar dos tempos a ser um leitor crítico, a importância da ato de ler, na qual o indivíduo terá outra visão de mundo, foram feitas pesquisas em textos teóricos, assim como o livro *Letramento literário teoria e pratica de Rildo Cosson*, e *A importância do ato de ler de Paulo Freire*, foi analisado o relato do conto *La lengua de las mariposas de Manuel Rivas*, como proposta de ensino da literatura nas escolas.

Palavras-Chave: Letramento literário. A importância da leitura literária. Formação do aluno leitor.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o ensino da literatura e sua importância na formação do leitor literário, antes de tudo, o que se compreende por literatura, seu conceito sempre foi e será continuamente multifacetado, a palavra literatura vem da palavra em latim *littera* que significa letra, na qual há de estabelecer um conjunto de habilidades, tais como escrever e ler, destacaremos seus questionamentos e suas práticas na vivência e formação do indivíduo.

Como relata FREIRE (1981), o ato de ler vincula a realidade com a linguagem. A leitura faz com que o leitor desenvolva a sua capacidade intelectual e crítica, fazendo com que conheça um novo mundo, a leitura sendo um ato individual com a sua prática tornará a ser uma prática social ao ser compartilhada.

Estabelecido sob o conceito de letramento que se está relacionado a um conjunto de práticas, será levantado a questão de seu uso no ensino a literatura sobre a questão do letramento literário, e suas propostas para que a literatura seja inserida de modo eficaz na vida no aluno leitor, como base no pensamento de COSSON (2012). Tais práticas estão relacionadas ao modo em que a leitura é introduzida em seu meio, tendo o papel principal a escola dentro desta perspectiva.

Analisaremos então, alguns dos questionamentos estabelecidos na realidade em que a prática do ato de ler é encontrada nas salas de aulas no ensino básico, as condições em que as escolas favorecem para a formação do aluno leitor, de qual modo os professores estão utilizando das condições estabelecidas pelas as escolas para este incentivo, sendo ele o um dos fatores principais para esta formação.

Tendo a família um dos pontos mais importante para esta formação dentro deste processo onde é de longo prazo, este processo é iniciado no âmbito familiar, é ali em que o indivíduo terá o seu primeiro contato com a leitura, consistindo no encontro e tomando o gosto pela a prática de leitura.

Foi introduzido a análise do relato do conto *La lengua de las mariposas* de Manuel rivas, sobre o tema abordado trazendo a questão da importância de literatura nas classes de ensino da língua Espanhola.

Por tanto, procuramos refletir sobre esta importância na formação do aluno leitor, trata-se de uma pesquisa qualitativa que procurou sobre análises e leituras para acrescentar nossos conhecimentos sobre o tema.

1.CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA

A literatura estabelece um conjunto de habilidades, como de ler e escrever, que abrange todo o caminho até a liberdade, utiliza os signos linguísticos, trazendo valor a ficção, seu processo de desenvolvimento basear-se sobre traços históricos, geográficos e políticos, um dos aspectos fundamentais em torno da literatura, é o autor, a obra, o leitor e a interpretação, segundo MAESTRO (2017).

La Literatura es una construcción humana que existe real, formal y materialmente, y que puede y debe ser analizada de forma crítica mediante criterios racionales, conceptos científicos e ideas filosóficas. Como construcción humana, la Literatura se sitúa en el ámbito de la Antropología; como realidad material efectivamente existente, pertenece al dominio de la Ontología; como obra de arte, constituye una construcción en la que se objetivan valores estéticos, que exigen enjuiciarla, desde una Estética o filosofía del arte, en un espacio estético; y como discurso lógico, en cuya materialidad se objetivan formalmente Ideas y Conceptos, es susceptible de una Gnoseología, es decir, de una interpretación basada en el análisis crítico de las relaciones de conjugación —que no ruptura— entre la Materia y la Forma que la constituyen como tal Literatura. (MAESTRO 2017, p. 127)

Nessa concepção, a literatura se dá a uma realidade do estudo do ser. A literatura estabelece realidades distintas, dentro delas a Teoria da literatura e a Crítica literária, na qual a Teoria da literatura determina como um conjunto sistemático de ciências categoriais, ou seja, a palavra, o signo linguístico, o autor, o leitor, a métrica, o personagem, o tempo, o espaço e etc. se estabelece a conceitos que atua como ciência, possibilita a estudar cientificamente a literatura, sendo que seu estudo é centrado ao conhecimento científico, filosófico e ideológico. Já a Crítica literária é situada sobre o estudo das ideias em torno dos conceitos científicos que estão ligados ao crítico e as interpretações realizadas acerca dos materiais literários de acordo com o pensamento de MAESTRO (2017).

2. O CONCEITO DE LETRAMENTO E LETRAMENTO LITERÁRIO E SUAS PRESSUPOSIÇÕES PARA O ENSINO DA LITERATURA

A palavra letramento ainda não foi dicionarizada e vem da expressão em inglês *literacy*, que significa alfabetização, a capacidade de ler e escrever, ou melhor, a conjunção daquele que domina a tecnologia da escrita (SOARES, 2006). Nesta visão, o letramento aponta a ação ou estado de ser letrado, de se fazer-se letrado.

O conceito de letramento se define “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 2004, p.19), este conceito iniciou a se estabelecer dentro do meio científico para separar os estudos sobre a alfabetização do embate social da escrita, os estudos que analisam o desenvolvimento, e impulsionam os diferentes fatores sociopolíticos, socioeconômico, aos poucos foram se separando para representar as condições do uso da escrita dentro das distintas circunstancias sociais.

Uma vez que se define por letramento literário, se relaciona como um conjunto de práticas e fatores sociais que se relacionam a interação do escritor e leitor, formando a atividade socializada na escola por meio da leitura de textos literários, a finalidade principal está na construção e reconstrução dos significados com correspondência ao texto literário lido na sala de aula ou fora dela, nessa perspectiva, o texto literário não deve ser visto como uma sistema textual, uma vez que indica a construção de novos horizontes acerca da vivencia de mundo entre o escritor e leitor, envolvendo no processo de aprendizagem, o processo de letramento literário deve abranger os aspectos que envolvam os diversos textos literários.

Temos vivido hoje situações difíceis nas escolas de ensino básico em todo o corpo escolar, na qual os alunos enxergam na literatura como um saber desnecessário, a prática de leitura e escrita já não é tão importante na sua concepção, sendo assim a biblioteca se torna apenas um depósito de livros, outros tem a noção que desconhecem a disciplina, apesar da literatura esta inserida em todo o contexto histórico e social, todavia há aqueles que desejam muito o estudo da literatura, mas acabam sendo prejudicados pela a falta de referencias cultural ou até mesmo pela a maneira que a literatura é efetivada em seu meio.

A escrita é um dos mecanismos fundamentais que envolvem na literatura, ocupando um lugar central na sociedade em que vivemos, é a partir dela que armazenamos nossos saberes, a literatura tem o poder de se transformar em todas as

formas discursivas, seja na escrita ou na leitura, desta maneira a prática da literatura faz que com nós explorem a potencialidade da linguagem, isso ocorre porque nela encontramos características de nós mesmos e da comunidade as quais pertencemos, através dos textos literários, incentivando e aflorando nossos pensares a explorar o mundo por nós mesmos. Nessa experiência literária podemos encontrar nossas próprias identidades, como também reelaborar nossos conhecimentos e vivenciar outros acontecimentos de tempos atrás quebrando limites, como relata RILDO COSSON (2012).

E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (RILDO COSSON 2012, p.17)

A partir de toda essa experiência que é vivenciada em torno da literatura, sua prática escolar precisa ser preservada em lugar especial nas escolas, porém para que a literatura cumpra com todo o seu papel nas escolas, devemos modificar o trajeto da sua escolarização, estimulando os alunos à prática, impulsionando o letramento literário, como é citado por RILDO COSSON (2012) o letramento “trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente da alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas”.

A forma em que a literatura hoje em dia é aplicada pelos os professores de ensino básico, trata-se de apenas fazer com que os alunos pratiquem a leitura e não exatamente as questões culturais e históricas daquele determinado texto literário, fazendo com que ao chegarem ao ensino médio, seu conhecimento literário esteja somente centrado aos nomes de autores e suas obras, essa literatura escolarizada faz com que a literatura e educação estejam longe de serem relacionadas, para muitos professores o ensino da mesma só se mantém hoje nas escolas por tradições e até mesmo da imobilidade

curricular, há outros aspectos á não a prática da literatura nas escolas, como é citadas por RILDO COSSON (2012).

Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da inercia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século xix que já não tem razão de ser no século xxi. A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações, são alguns argumentos que levam a recusa de um lugar á literatura na escola atual. (RILDO COSSON 2012, p.17)

Tendo em vista a forma em que a literatura foi inserida em nosso meio social, um dos princípios básicos regidos pelas as tragédias gregas que na qual tinham a importância de educar a moral e socialmente o povo daquela época. A literatura apenas não faz com que auxilie o individuo no seu ensino a ler e escrever, como também esta ali para lhe tornar um indivíduo culturalmente dito.

Devemos perceber que o letramento literário é uma prática social de atribuição da escola, portanto é fundamental que seja estruturado com objetivo na formação do aluno, atribuindo que a literatura tem a função de exercer no campo escolar, apenas que a atividade de leitura não seja aceitável a atividade escolar de leitura literária, retrocedendo ao processo realizado do letramento literário escolar, pois a questão do só ler é a face mais visível dessa resistência encontrado no âmbito escolar.

A muitos questionamentos em torno da prática de leitura dos textos literários, umas delas é a leitura fora da escola, se a leitura é realizada com tal prazer, porque de tal modo à escola precisa ocupar o papel da leitura? A leitura fora de casa esta relacionada às práticas usuais na escola, pela a maneira que ela foi inserida em seu ambiente escolar, na forma da leitura, convém a escola a ensinar o aluno a fazer essa busca, fazendo que o conhecimento sendo explorado de maneira adequada. Outra pressuposição é que ler é um ato solitário, a leitura silenciosa faz com que o aluno centre seus questionamentos entre ele e o autor, a leitura em si, no sentido em que lemos apenas com os nossos olhos é de fato uma leitura de ato solitário, porem a mais de uma interpretação e isso nos envolve a não só a troca da essência entre o leitor e o autor, mas a todo compartilhamentos de visões de mundo que estão relacionados, como relata (COSSON, 2012, p.27) “O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um

monólogo”. A questão da literatura literária não sendo um ato individual, e podendo sim ser compartilhada, trás resultado do dialogo que assim sendo permitindo a manter o contato com a sociedade e com os outros.

A formação do aluno leitor traz a questão do resultado do professor, pois é ele que esta sendo o intermediário entre o livro e o aluno, até a sua prática final da leitura, um dos fatores acrescido nas escolas é a seleção realizada da literatura, iniciando com os programas na qual determinam os textos literários de acordo com os fins educacionais, como também sendo determinados por faixa etária ou serie escolar, submetendo os valores culturais apenas ao ensino médio, portando o professor esta preso a tradição e as exigências estéticas posta pelas as escolas, ignorando as diversidades de autores, obras e gêneros, assim levará a perda da historicidade da língua e da cultura, onde seria fundamentais para quebrar a resistência do aluno em sua formação, desse modo, é papel do professor proporcionar o crescimento do leitor partindo daquilo que já é conhecido para aquilo que ele desconhece, ampliando suas perspectivas na leitura.

O processo de leitura é a etapa primordial para a formação do aluno leitor, encontramos hoje nas escolas publicas a escarces de livros nas bibliotecas, alunos sem o habito de ler, trazendo consequências do seu âmbito familiar por não terem uma estrutura adequada, chegando ao ensino fundamental sem saberem ler, sem saberem decifrar a escrita, consequentemente o professor tem como objetivo levantar os problemas encontrados para que por meio dessa percepção dele, se analise uma proposta que intermediei a melhoria a essa formação nas escolas, há uma síntese elaborada Vilson J. Leffa, em *perspectivas no estuda da leitura: texto, leitor e interação social*, em que se relacionam três teorias ao processo da leitura realizada pelo o aluno, a primeira esta focado ao texto, ao ato de ler é um processo de ampliação do sentido que esta no texto, desta forma esta extensão leva a ter dois níveis situados ao texto, que são as das letras e palavras, é através da decodificação que o aluno chega ao entendimento da leitura do texto, as dificuldades encontradas na leitura estão ligadas aos problemas de ampliação, levando em conta a ausência de habilidades que o leitor tem em decifrar as letras e palavras. A segunda trás o leitor como o centro da leitura na qual é o leitor que da sentido ao texto, dessa maneira é ele que faz com que as estratégias para se dizer ao texto com base daquilo que já se sabe sobre o texto e o mundo, na perspectiva que o leitor esta

interessado no sentido do texto do que as palavras que estão ali, dominando os códigos linguísticos, fazendo com que o leitor manipule os textos, justamente prevendo o sentido deles, deslocando o foco do texto, mas fazendo sentido que há necessidade de dá continuidade do texto chamando a sua atenção para o ato de ler. A terceira trás as teorias consideradas conciliatórias, portando o leitor é tão importante quando o texto, na qual a leitura se faz resultado de uma interação, o ato de ler individualmente torna-se uma atividade social, a leitura resulta não apenas em adquirir o habito de ler, é mais além, são práticas sociais que mediam e mudam as relações em torno da sociedade, temos, pois, que pensar nesse processo de leitura como um processo linear.

O ensino da literatura reques estratégias, o professor tem que levar outros tipos de abordagens que possam desenvolver o interesse do aluno para o ato da leitura, não apenas a utilização de práticas de exposições de textos ou até o mesmo questionamentos sobre a vida do autor do texto estudado, fazendo que o aluno sintam o prazer e o estímulo a leitura, a organização dessas estratégias usadas pelo o professor precisa ser organizada e sistematizadas, em que um todo façam da leitura literária uma prática significativa, desse modo as pátrias utilizadas em sala de aula devem levar em conta o processo do letramento literário e não apenas uma simples leitura de obras, a literatura deve ser compreendida criticamente pelo o leitor e levado a ele não apenas ao consumo de textos literários, mas sim seu desenvolvendo o seu lado critico, o letramento literário precisa ser acompanhado por três etapas do processo de leitura envolvendo a literatura na escola, como é relatado por (Cosson, 2012, p.47) com base no pensamento de M. A. K. Halliday.

Nesse sentido, a orientação fundamental é que o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas do processo de leitura e, por outro, o saber literário. No caso desse último, convém ter em mente a distinção feita por M. A. K. Halliday em relação a aprendizagem da linguagem, ou seja, a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e habilidades que a prática de leitura proporciona ao seus usuários.

Nesse sentido, o ensino da literatura tem que ser de uma forma que conduza o satisfatório a essas aprendizagens ao processo do letramento literário, fazendo com que

esse ensino seja o centro da experiência do literário, efetivando a uma atividade contínuo de leitura, com o propósito de expandir e estabelecer o conjunto cultural do aluno.

COSSON (2012) propõe uma sequência básica ao letramento literário no ensino básico, que é construído por quatro etapas, são elas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A motivação requer entusiasmo no caminho desse letramento para a experiência literária do leitor, o modo como é introduzida a leitura em seu meio, fazendo da leitura uma exercício de saber e prazer, portanto a leitura requer uma preparação, uma antecipação da qual o professor a conduza de maneira para auxiliar o processo de leitura, como um todo, preparando o aluno para entrar no texto, pois este encontro do leitor com a obra necessita de boa motivação, as práticas para desenvolver essa motivação do aluno envolve conjuntamente a atividade de leitura, escrita e oralidade, ajudando a introduzir a leitura da obra literária. A introdução que se dá sobre a apresentação do autor e da obra, apesar de se uma atividade moderadamente simples requer do professor alguns cuidados, e neste momento que o professor irá despertar a curiosidade do aluno e chama a atenção para o contínuo da leitura, deve se tomar cuidado do que se deve ter na apresentação da obra, as vezes achamos uma obra tão interessante que basta trazê-las para o aluno, mas quando se está em um processo pedagógico o melhor é assegurar a atenção para qual está sendo introduzida a obra, todavia o professor tem que ter em mente que a introdução não pode se prolongar muito, na qual a função da mesma é apenas permitir que o aluno introduza a obra de maneira positiva, para dar a continuidade a leitura. A leitura escolar, todavia, precisa de acompanhamento, então cabe ao professor realizar essa tarefa, a leitura tem um objetivo a cumprir, este acompanhamento tem que haver uma direção, não pode ser confundido como um controle da parte do professor, não se deve ser vigiada, mas sim acompanhar e auxiliar o aluno em seu processo de leitura, por meio desse processo é que o professor irá perceber as dificuldades de leitura do aluno. A interpretação em seu campo na literatura literária, se estabelece ao processo de leitura para chegar à construção do sentido do texto, portanto foi proposto dois momentos em que a interpretação pode se estabelecer no letramento literário de acordo com COSSON (2012), a interpretação interior e a outra exterior, o momento interior é aquele que chamamos de encontro do leitor com a obra, é acompanhado pela decifração, palavra por palavra que o leitor realiza, é uma experiência de um ato individual da leitura, a

interpretação se faz com o que somos no ato da leitura, como as relações familiares tendo esse aspecto atribuindo de forma favorável ou desfavorável para essa circunstância interna, portanto por mais que seja íntimo esse ato interno passar a cada leitor, ele consiste sendo um ato social, quando se concretiza esse momento interno a construção do sentido de uma determinada comunidade, quando uma obra é interpretada de modo eficaz, ou seja, na qual é concluída a leitura de um livro e nos sentimos comovidos pela verdade do que é nos revelado, automaticamente queremos compartilhar desse sentimento com alguém próximo lhe incentivando e aconselhando aquela leitura, todavia é preciso compartilhar dessa interpretação e estender os sentidos formados individualmente, fortalecendo a leitura e ampliando seus horizontes de leitura de uma forma coletivamente, referindo a idealização de uma comunidade de leitores.

Desta maneira, a sequência básica regido por COSSON (2012) traz essas etapas na qual o professor poderá explorar dos seus alunos de modo que desenvolvam a leitura de acordo com a necessidade e perfil dos alunos, trazendo atividades escolares demonstrando sentido ao texto dentro dos objetivos do letramento literário.

3. O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR

Encontramos uma realidade na qual a prática de leitura nas salas de aulas no ensino particular e público uma dificuldade em fazer qualquer que seja o ato de leitura, muitas vezes sucede pela falta de estímulo por parte dos pais, como também do ambiente escolar e sociedade, mesmo a leitura sendo um ato individual, passa-se a ser uma prática social, portando o impulso da família, do professor e o apoio da escola a esse ato de leitura é muito importante para que esses leitores tenham uma visão de mundo transformado por meio da leitura.

A família é de enorme importância para o processo de leitura, desde de cedo quando criança, mesmo antes de entrar na escola, ela entra em contato com a leitura através das ilustrações, histórias, entre outros modos que permita que ela seja inserida no mundo da leitura, ademais os conhecimentos proporcionados no meio familiar, na maior parte das vezes são carregadas para toda a vida, na qual a leitura no meio família cria um elo, e é neste vínculo que o indivíduo cria gosto pela leitura e se aumenta ao decorrer do tempo.

O processo da formação do aluno leitor e em longo prazo, sendo que se inicia no âmbito familiar, a família serve como espaço de orientações, é com ela que o leitor constrói a sua identidade, e assim criando gosto pela leitura.

Um dos valores que a família pode instituir no espaço familiar, é a leitura como fator social levando em conta a importância do sócio educacional das crianças e adolescentes, como relata VIERA (2004).

Nesse momento há a criação de um vínculo mais forte entre pais e filhos. Seja no incentivo da figura materna ao criar oportunidades de contato com os signos, inicialmente com as ilustrações dos livros, a cantiga de roda e a contação de histórias ou na figura paterna que auxilia no exercício da alfabetização, do contato com a escrita, são pequenas ações cotidianas que podem conduzir o fomento à leitura. (VIERA 2004, p.04)

Portanto, os pais poderão incentivar os seus filhos o estímulo a leitura proporcionando entre eles uma troca de conhecimentos, há várias formas em que a leitura pode ser inserida no contexto familiar, através de contos de historinhas na hora do sono, entre outros, desde que a criança for educada com incentivo à leitura dentro de casa, haverá maior chance de ela tomar gosto pela leitura, ao contrário, será necessário outras alternativas e estratégias para despertar o ato da leitura, há aqueles pais que não apreciam o interesse de vincular o seu filho no meio da leitura, isso dificultará a forma que a leitura será introduzida na vida deste leitor.

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importante na sociedade. (VIEIRA 2004, p. 06)

Desta maneira, o leitor instituído no âmbito familiar terá uma diferença entre o que só terá o contato com leitura na escola, pelo o fato de já estar familiarizado com os signos linguísticos, e com o contato com a leitura.

Em boa parte dos casos o indivíduo não recebe apoio ou incentivo em casa para manter o hábito de ler, muitas vezes pela situação financeira da família não ser adequadamente suficiente para manter tal costume, outras vezes pelo círculo vicioso que passa de pai para filho, pois onde os pais não leem os filhos provavelmente não lerão também. Daí entra a escola, complementando essa brecha. (ARANA e KLEBIS 2015, p. 26676)

A escola é um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento do ser humano e para a mudança da sociedade, sendo assim, a leitura torna-se um dos principais elementos para essa transformação, a escola ocupa um papel importante na formação do aluno leitor, cumprindo a ela formar leitores para toda a vida, cabe a ela estabelecer boas condições de trabalho para o melhoramento da leitura, como também um bom desempenho do professor neste processo.

A leitura se faz presente em todas as áreas, diferentes classes sociais, bem como de qualquer idade, a prática de leitura está presente em todo o ambiente social, temos, pois, que entender a importância e a função em que a escola cumpre em seu meio, a escola lida com muitos tipos de leitores, há que ler em busca de informações, há o ler que do qual natureza é puramente funcional, entre outros. Desta maneira, a escola acaba desconsiderando a passagem do tempo e as novas perspectivas de mundo, não abrangendo áreas para ajudar a construir formar este leitor crítico, mas fazendo com que os textos não sejam do seu interesse, e não despertando o prazer na leitura, desta forma o aluno não desperta a leitura na escola pelo o fato dele não ter prazer no ato de ler, e sim por não terem o interesse naquele determinado texto, portanto o professor há de ter outras estratégias para fazer com que o aluno desperte este interesse, sendo assim, de acordo com ROCCO (2013, P.38)

E no tocante à leitura, de modo mais específico, observamos que os fatos não ocorreram diferentemente. Se tomarmos como ponto de referência a escola e o tratamento que ela vem dando ao tema, nas últimas décadas, e em todo o mundo, verificaremos a coexistência de concepções muito diversas e de movimentos diferentes emprestados seja a essas próprias concepções do que venha a ser a leitura, seja às formas de se trabalhar com leitura no âmbito escolar, seja ainda no que concerne às definições de leitor, texto e mesmo de livro. (ROCCO 2013, p.38)

Nesta perspectiva, a escola deve atentar em formar leitores e não somente com o aprendizado da leitura para que após suceda o aprendizado da escrita.

O professor tem que estar bem preparado para estar em sala de aula, ter conhecimento do que está sendo ministrado, o professor é uma das peças fundamentais para a transformação da escola e na formação do aluno, a leitura tem que dar sentido ao mundo, assim como as aulas aos alunos, é considerável que o professor estimule a sua classe, fazendo com que os alunos percebam que necessitam ler não somente para

compreender, mas também para se comunicarem e vivenciar de todo o conhecimento oferecido pelo a leitura.

Um profissional da educação sem preparo, que pouco conhece os textos em circulação, desprovido de recursos para conduzir seus alunos ao caminho da leitura, desconhecedor de técnicas e metodologias adequadas, não se efetivará nesse processo. Ele, como mediador do hábito de ler, deverá propiciar atividades práticas que se fundamentem nessa lógica, criando diferentes momentos de leitura alicerçadas em estratégias capazes de promover distintos níveis de letramento. (KRUG 2015, p. 02)

É necessário que o professor promova no ambiente de aula um espaço comunicativo, e tentar puxar dos alunos o conhecimento calado que eles tem para o desenvolvimento da discussão, a escola poderia possibilitar o contrato com as mais diversidades de leituras, respeitando as origens, e as necessidades de cada indivíduo, A seleção de materiais há de ter um planejamento dos livros a serem lidos e indicados a leitura, o professor deve ter em mente que este planejamento motivará o leitor e lhe influenciará positivamente e negativamente o modo de como ele entenderá a si mesmo e do mundo.

Na maioria das escolas é comum estabelecer um espaço para a leitura, as quais são nomeados de sala de leitura ou biblioteca escola, todavia a escola vem destacando que a prática de muitas desses ambientes estão sendo usados inadequadamente, isso acontece nas escolas da rede pública como também na privada, fazendo das bibliotecas como apenas um depósito de livros, portando há aquelas que sabem conhecer o valor, fazendo o uso dos livros que lá contem, no ambiente escolar é necessário levar em conta também o estado da infraestrutura e materiais que a escola proporciona para o trabalho com a leitura, caso a escola não possuam desses aspectos que possam ajudar o trabalho do professor com a leitura, este auxilio na formação do aluno leitor será difícil, para que o processo do professor no desenvolvimento da leitura, é preciso levar em consideração um bom estado de onde possa trabalhar com a leitura de modo que haja eficácia neste processo.

4. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

O ato de ler vincula a realidade e a linguagem, esse processo de leitura que envolve o entendimento crítico do ato de ler, na qual se consome na decodificação original da palavra escrita ou da linguagem escrita, sendo que se precede ao conhecimento de mundo, este conhecimento de mundo, se antecede a leitura da palavra, como relata FREIRE (1981).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE 1981, p. 09)

O ato de ler faz com que o leitor possua conclusões de respostas para o mundo e para o que está acontecendo em sua volta, quando o indivíduo lê, ele torna a ter uma opinião sobre o assunto lido, seja qual for qualquer tipo de assunto relacionado, desta maneira, quando o indivíduo é incentivado desde pequeno a este ato, ele tornará um indivíduo mais questionador e crítico, onde terá base literária e conhecimentos para formar suas opiniões.

A leitura faz com que o leitor conheça um novo mundo, sendo assim, a leitura em seu meio deve ser introduzida de maneira diferente e atrativa, para que o leitor tenha uma visão aprazível a respeito do ato de ler, e que além do mais torne-se um hábito, que acrescentará em sua vida, não que seja vista como algo que tornará obrigatória e cansativo.

A leitura é capaz de desenvolver a capacidade intelectual e crítica das pessoas, o ato de ler denomina um processo longo de crescimento e aprendizado, a leitura inserida na infância do indivíduo faz com que ele descubra palavras que o conduza a desenvolver o seu intelectual, a prática de leitura desperta o imaginário e o surgimento de novas ideias, como também a curiosidade do leitor, desta maneira o leitor estabelece um vínculo com a leitura, e sempre há de querer mais. O gosto de ler é constituído de um processo que é individual e social, na qual o leitor desenvolverá suas competências e prática através do impulsionamento do ato de ler, e tornará a um processo de libertação da criatividade.

A importância da leitura é fundamental para nossas interpretações, e nós possibilita a compreensão do mundo e do outro, tempos pois que distinguir a questão do

“saber ler” e “formar um leitor”, o saber ler refere-se de decifrar símbolos, transmitidos através de sílabas que formam palavras, portanto o segundo questionamento, se relaciona ao indivíduo (leitor) que é estabelecido a aprender a entender, e a interpretar o que o autor de um determinado texto relata, compartilhando de pensamentos e ideias.

A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor, o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadamente, ao interagir com o texto. O leitor realiza o processo de maneira ativa, enriquecendo a leitura que contribuirá com seu saber, que se propõe fazer. (KRUG 2015, p. 3)

Portanto, ao praticar o ato de ler, o leitor entrará em contato com o processo de sentidos, atribuindo significado ao texto.

Tendo em vista que todo conhecimento que o leitor possa adquirir situa-se armazenado na memória, na qual se agregará ao longo de seu hábito como praticante da leitura, o leitor terá que se identificar no texto de modo que seja produtivo para a sua formação, não somente tornando um consumidor de livros, e sim ultrapassando limites, como já foi relatado, deve perceber o quão é importante a habilidade de leitura, que é capaz de exceder os limites da decodificação, resultando acima de tudo do conhecimento que trará de si, e da sociedade inserida. Sendo assim, o estímulo a prática de leitura ao indivíduo é de grande importância para a sua construção do aprendizado, despertando o incentivo de conscientização e aprimorando para retratar na constituição da escrita e no modo de dominar a comunicação do leitor, a leitura é importante, como também é necessária para qualquer prática de diferentes tarefas, em qualquer contexto. É no ato de ler que temos todas as respostas na quais precisamos.

5. INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE CONTO, E ANÁLISE DO RELATO DO CONTO LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS DE MANUEL RIVAS.

A palavra conto etimologicamente deriva da palavra em latim *computum*, e se relaciona com o feito de recolher feitos, de fazer um relato dos mesmos, e uma narração breve, de trama simples e lineal, caracterizado por uma forte concentração de ação, do tempo e do espaço, a presença dos contos na literatura espanhola e na língua castelhana se estabeleceu por volta dos anos de 1140, data próxima da primeira publicação do *cantar*

de mio cid, na qual a novela foi designada em uma narração extensa em seu termino, enquanto o conto ficou apenas a referir-se sobre relatos breves.

A duas distinções aceitável da narrativa do conto na literatura, entre eles, o conto popular e o conto literário, o conto popular determina a narração que transmite de forma oral ao passar do tempo, e que se conecta com o folclore tradicional, já o conto literário tem o autor como fator principal, é ele que se carrega do processo de criação de um texto escrito, e até mesmo não tem porque fazer parte da cultura popular, podendo ser apenas uma narração breve, fictícia ou real, de um determinado tema.

La lengua de las mariposas, é um conto que foi publicado no livro *¿Qué me queires amor?* Em 1995 de Manuel Rivas.

Manuel Rivas, nasceu na Espanha em 1957, escritor, periodista, colabora habitualmente como o diário *El país*, recebeu vários prêmios por suas obras, uma delas foi o prêmio do Crítico, prêmio Nacional de Narrativa, como outros. Suas obras são formadas por um conjunto de relatos variados, um ponto comum entre elas são a força que ele traz sobre a nostalgia da infância e do tempo perdido, como também mostra grande importância sobre histórias locais de sua terra.

O conto relata um dos momentos precedentes a Guerra Civil Espanhola, através deste conto Rivas possibilita a observar dentro deste contexto sobre o olhar de uma criança, sendo o principal personagem Moncho, este personagem através da narração estabelece um conjunto de situações desde os últimos tempos da república, Moncho tem medo de ir para a escola por conta que ouviu falar sobre os maestros das escolas na qual eles pegavam os estudantes, como era de costume a educação repressiva daquela época, ao chegar na escola ele se depara que não é exatamente assim, ao conhecer o seu maestro Don Gregorio, na qual a sua forma de ensinar era através da observação, é ensinado a Moncho várias coisas, dentro delas a liberdade, Don Gregorio é um republicano convencido, símbolo de conhecimentos, como também de valores, defendendo seus ideais até a morte, enquanto o pai de Moncho, que também se declarou republicano, sendo que junto a sua mulher estão a querer queimar todos aqueles documentos que possam comprometer com a república, sendo que o maestro permanece fiel a si mesmo até o final pagando por sua própria vida por ter uma ideia própria, ao final do conto, Mocho não entende a postura do seu maestro sobre a república, onde ele

mostra como a violência e a repressão faz com que revele o pior de si mesmo, indignado com essa postura, Moncho se sente incapaz de acreditar do que Don Gregorio fez, por ser a pessoa que tanto havia lhe ensinado. Ao decorrer de todo o conto relata questões históricas, religiosas e sociais que nos faz a entender os conflitos e entender o deslanche da história.

A narrativa deste conto pode ser trabalhada com alunos de classe Espanhol no ensino básico, fazendo com que a literatura abranja vários conhecimentos de mundo através do seu contexto, relacionando entre esferas no plano político que se dá a apresentação dos aspectos históricos em torno do conto, como também estabelece a questão do plano educativo que se dá a ideologia de ensino aprendizagem, por exemplo a educação introduzido ao personagem Moncho. Tendo em vista o modelo de sequência básica que foi introduzida por COSSON (2012), podemos utilizar desses aspectos em questão ao letramento literário, trazendo a importância da literatura Espanhola as classes de ensino básico das escolas de hoje, a importância de como podemos utilizar da leitura que esta relacionada a cultura em seu meio, utilizando da motivação, introdução, leitura e interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de leitura é indispensável para a formação do indivíduo, como também uma atribuição social, necessitando fazer parte da vida de todos, o ato de ler faz com que o indivíduo conheça a si mesmo, e tenha outra visão de mundo na sociedade que está inserido, de ser efetuada com prazer, e estimular o interesse cada vez mais.

Procuramos por meio desta discursão, nesta pesquisa, o ensino da literatura e a sua importância na formação do aluno leitor, a partir de um ponto de vista crítico, foi analisado através de textos teóricos, as práticas relacionadas a este incentivo ao aluno ao ato de ler, seja ela por meio da família, como também da escola na qual tem a maior importância neste formação.

O objetivo desde trabalho foi analisar a questão de formar leitores críticos, qual o caminho que deve seguir para ser trabalhado a questão do letramento literato, e suas práticas para este desenvolvimento, tendo um dos fatores primordiais o papel do professor

para este processo. Neste sentido traz uma grande probabilidade de atingir novas perspectivas para a concepção de ter um leitor enquanto indivíduo crítico na sociedade.

Através desta pesquisa, foi analisado o relato do contato *La lengua de las mariposas de Manuel Rivas*, como proposta para ser trabalhado a análise da narrativa com alunos da classe de Espanhol.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es discutir la importancia de la literatura en la formación del alumno lector, dando énfasis al análisis de la literatura española, con enfoque en la colaboración en que la lectura del texto literario puede conceder en la formación del alumno, evaluamos los motivos de la objeción a la lectura, como también las prácticas de *letramento* literario a la enseñanza de la literatura, las dificultades en que los alumnos de enseñanza básica tienen en concebir una lectura, las condiciones en que la escuela y la sociedad establecen para esta formación cuanto son esenciales para el aprendizaje. tiene como objetivo indagar la importancia que la familia tiene en está formación, cuales a sus contribuciones al incentivo al niño la practica de leer que llevará al paso de los tiempos a ser un lector crítico, la importancia del acto de ler, en la cual el individuo tendrá otra visión de mundo. se realizaron investigaciones en textos teóricos, así como el libro *Letramento literário teoria e pratica de Rildo Casson* y *A importância do ato de ler de Paulo Freire*, se ha analizado el relato del cuento *La lengua de las mariposas de Manuel Rivas*, como propuesta de la enseñanza de la literatura en las escuelas.

Palabras-Clave: *Letramento* literário. La importância de la lectura literária. Formación del alumno lector

REFERÊNCIAS

ARANA, Albra Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno**. 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf>. Acesso em: 30/10/2017.

BIOGRFÍA, Manuel Rivas. **Bibliotecas y Documentación**. 2015. Disponível em: <http://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/creadores/rivas_manuel.htm>. Acesso em: 23/11/2017.

COSSAN, Rildo. **Letramento literario - teoria e pratica**. 2. ed. editora contexto, São Paulo. 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literario - teoria e pratica**. 2. ed. editora contexto, São Paulo. 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

J. LEFFA, Vilson. **Produção de materiais de ensino: Teoria e Prática, 2º edição**. 2007. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Producao_materiais_2ed_completo.pdf>. Acesso em: 15/11/2017.

KLEIMAN, A. B. **Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: _____ (org.). Os significados do letramento. São Paulo: Mercado de Letras, 2004 _____. Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2004.

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. 2015. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1.pdf>. Acesso em: 15/11/2017.

MAESTRO, Jesús G. **Crítica de la razón literaria - El Materialismo Filosófico, como Teoría, Crítica y Dialéctica de la Literatura**. Editorial Academia del Hispanismo, Pontevedra. 2017.

MERINO, José María, **Cien años de cuentos (1898-1998) Antología del Cuento español en castellanos**. Alfaguara. Madrid. 1998.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. Disponível em: http://www.demandanet.com/portal/publicacoes/2011/editais/a_import%C3%A2ncia_da_leitura_na_sociedade_contemporanea.pdf. Acesso em: 06/11/2017.

RIVAS, Manuel. **La lengua de las mariposas**. Disponível em: <<http://laussy.org/images/b/ba/Lengua-de-las-mariposas.pdf>>. Acesso em: 23/11/2017.

SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIEIRA, L. A.

TERZI, S. B. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). Os significados do letramento. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor: a família em questão**. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/308.pdf>>. Acesso em: 02/11/2017.

ANEXO

**La lengua de las mariposas”
Manuel Rivas**

"¿Qué hay , Gorrión? Espero que este año podamos ver por fin la lengua de las mariposas".

El maestro aguardaba desde hacía tiempo que le enviaran un microscopio a los de la instrucción pública. Tanto nos hablaba de como se agrandaban las cosas menudas e invisibles por aquel aparato que los niños llegábamos a verlas de verdad, como si sus palabras entusiastas tuvieran un efecto de poderosas lentes.

"La lengua de la mariposa es una trompa enroscada como un resorte de reloj. Si hay una flor que la atrae, la desenrolla y la mete en el cáliz para chupar.

Cando lleváis el dedo humedecido a un tarro de azúcar ¿a que sienten ya el dulce en la boca como si la yema fuera la punta de la lengua? Pues así es la lengua de la mariposa". Y entonces todos teníamos envidia de las mariposas. Que maravilla. Ir por el mundo volando, con esos trajes de fiesta, y parar en flores como tabernas con barriles llenos de jarabe.

Yo quería mucho a aquel maestro. Al principio, mis padres no podían creerlo. Quiero decir que no podían entender como yo quería a mi maestro. Cuando era un "picarito", la escuela era una amenaza terrible. Una palabra que cimbraba en el aire como una vara de mimbre.

"¡Ya verás cuando vayas a la escuela!"

Dos de mis tíos, como muchos otros mozos, emigraron a América por no ir de quintos a la guerra de Marruecos. Pues bien, yo también soñaba con ir a América sólo por no ir a la escuela. De hecho, había historias de niños que huían al monte para evitar aquel suplicio. Aparecían a los dos o tres días, ateridos y sin habla, como desertores de la Barranco del Lobo. Yo iba para seis años y me llamaban todos Gorrión. Otros niños de mi edad ya trabajaban. Pero mi padre era sastre y no tenía tierras ni ganado.

Prefería verme lejos y no enredando en el pequeño taller de costura. Así pasaba gran parte del día correteando por la Alameda, y fue Cordeiro, el recolector de basura y hojas secas, el que me puso el apodo. "Pareces un gorrión".

Creo que nunca corrí tanto como aquel verano anterior al ingreso en la escuela. Corría como un loco y a veces sobrepasaba el límite de la Alameda y seguía lejos, con la mirada puesta en la cima del monte Sinaí, con la ilusión de que algún día

me saldrían alas y podría llegar a Buenos Aires. Pero jamás sobrepasé aquella montaña mágica.

"¡Ya verás cuando vayas a la escuela!"

Mi padre contaba como un tormento, como si le arrancara las amígdalas con la mano, la manera en que el maestro les arrancaba la jeda del habla para que no dijeran ajua nin jato ni jracias. "Todas las mañanas teníamos que decir la frase 'Los pájaros de Guadalajara tienen la garganta llena de trigo'. ¡Muchos palos llevábamos por culpa de Juadalagara!" Si de verdad quería meterme miedo, lo consiguió. La noche de la víspera no dormí. Encogido en la cama, escuchaba el reloj de la pared en la sala con la angustia de un condenado. El día llegó con una claridad de mandil de carnicero. No mentiría si le dijera a mis padres que estaba enfermo.

El miedo, como un ratón, me roía por dentro.

Y me meé. No me meé en la cama sino en la escuela.

Lo recuerdo muy bien. Pasaron tantos años y todavía siento una humedad cálida y vergonzosa escurriendo por las piernas. Estaba sentado en el último pupitre, medio escondido con la esperanza de que nadie se percatara de mi existencia, hasta poder salir y echar a volar por la Alameda.

"A ver, usted, ¡póngase de pie!"

El destino siempre avisa. Levanté los ojos y vi con espanto que la orden iba para mi. Aquel maestro feo como un bicho me señalaba con la regla. Era pequeña, de madera, pero a mi me pareció la lanza de Abd el-Krim.

"¿Cuál es su nombre?"

"Gorrión."

Todos los niños rieron a carcajadas. Sentí como si me batieran con latas en las orejas.

"¿Gorrión?"

No recordaba nada. Ni mi nombre. Todo lo que yo había sido hasta entonces había desaparecido de mi cabeza. Mis padres eran dos figuras borrosas que se desvanecían en la memoria. Miré cara al ventanal, buscando con angustia los árboles de la alameda.

Y fue entonces cuando me meé.

Cuando se dieron cuenta los otros rapaces, las carcajadas aumentaron y resonaban como trallazos.

Huí. Eché a correr como un loquito con alas. Corría, corría como solo se corre en sueños y viene tras de uno el Sacaúnto. Yo estaba convencido de que eso era lo que hacía el maestro. Venir tras de mí. Podía sentir su aliento en el cuello y el de todos los niños, como jauría de perros a la caza de un zorro. Pero cuando llegué a la altura del palco de la música y miré cara atrás, vi que nadie me había seguido, que estaba solo con mi miedo, empapado de sudor y de meos. El palco estaba vacío. Nadie parecía reparar en mí, pero yo tenía la sensación de que toda la villa estaba disimulando, que docenas de ojos censuradores acechaban en las ventanas, y que las lenguas murmuradoras no tardarían en llevarle la noticia a mis padres. Las piernas decidieron por mí. Caminaron hacia al Sinaí con una determinación desconocida hasta entonces. Esta vez llegaría hasta A Coruña y embarcaría de polisón en uno de esos navíos que llevan a Buenos Aires.

Desde la cima del Sinaí no se veía el mar sino otro monte más grande todavía, con peñascos recortados como torres de una fortaleza inaccesible. Ahora recuerdo con una mezcla de asombro y nostalgia lo que tuve que hacer aquel día. Yo sólo, en la cima, sentado en silla de piedra, bajo las estrellas, mientras en el valle se movían como luciérnagas los que con candil andaban en mi búsqueda. Mi nombre cruzaba la noche cabalgando sobre los aullidos de los perros. No estaba sorprendido. Era como si atravesara la línea del miedo. Por eso no lloré ni me resistí cuando llegó donde mi la sombra regia de Cordeiro. Me envolvió con su chaquetón y me abrazó en su pecho. "Tranquilo Gorrión, ya pasó todo."

Dormí como un santo aquella noche, pegadito a mamá. Nadie me reprendió. Mi padre se había quedado en la cocina, fumando en silencio, con los codos sobre el mantel de hule, las colillas amontonadas en el cenicero de concha de vieira, tal como pasara cuando había muerto la abuela.

Tenía la sensación de que mi madre no me había soltado de la mano en toda la noche.

Así me llevó, agarrado como quien lleva un serón en mi vuelta a la escuela. Y en esta ocasión, con corazón sereno, pude fijarme por vez primera en el maestro. Tenía la cara de un sapo.

El sapo sonreía. Me pellizcó la mejilla con cariño. "¡Me gusta ese nombre, Gorrión!". Y aquel pellizco me hirió como un dulce de café. Pero lo más increíble

fue cuando, en el medio de un silencio absoluto, me llevó de la mano cara a su mesa y me sentó en su silla. Y permaneció de pie, agarró un libro y dijo:

"Tenemos un nuevo compañero. Es una alegría para todos y vamos a recibirlo con un aplauso". Pensé que me iba a mear de nuevo por los pantalones, pero sólo noté una humedad en los ojos. "Bien, y ahora, vamos a comenzar con un poema. ¿A quien le toca? ¿Romualdo? Ven, Romualdo, acércate. Ya sabes, despacito y en voz bien alta".

A Romualdo los pantalones cortos le quedaban ridículos. Tenía las piernas muy largas y oscuras, con las rodillas llenas de heridas.

Una tarde parda y fría...

"Un momento, Romualdo, ¿qué es lo que vas a leer?"

"Una poesía, señor".

"¿Y cómo se titula?"

"Recuerdo infantil. Su autor es don Antonio Machado".

"Muy bien, Romualdo, adelante. Despacito y en voz alta. Repara en la puntuación."

El llamado Romualdo, a quien yo conocía de acarrear sacos de piñas como niño que era de Altamira, carraspeó como un viejo fumador de picadura y leyó con una voz increíble, espléndida, que parecía salida de la radio de Manolo Suárez, el indiano de Montevideo.

*Una tarde parda y fría
de invierno. Los colegiales
estudian. Monotonía
de lluvia tras los cristales.
Es la clase. En un cartel
se representa a Caín
fugitivo, y muerto Abel,
junto a una marcha carmín...*

"Muy bien. ¿Qué significa monotonía de lluvia, Romualdo?" preguntó el maestro.

"Que llueve después de llover, don Gregorio".

"¿Rezaste?", preguntó mamá, mientras pasaba la plancha por la ropa que papá cosiera durante el día. En la cocina, la olla de la cena despedía un aroma amargo de nabiza.

"Pues si", dije yo no muy seguro. "Una cosa que hablaba de Caín y Abel".

"Eso está bien", dijo mamá. "Non se por que dicen que ese nuevo maestro es un ateo".

"¿Qué es un ateo?"

"Alguien que dice que Dios no existe". Mamá hizo un gesto de desagrado y pasó la plancha con energía por las arrugas de un pantalón.

"¿Papá es un ateo?"

Mamá posó la plancha y me miró fijo.

"¿Cómo va a ser papá un ateo? ¿Cómo se te ocurre preguntar esa pavada?"

Yo había escuchado muchas veces a mi padre blasfemar contra Dios. Lo hacían todos los hombres. Cuando algo iba mal, escupían en el suelo y decían esa cosa tremenda contra Dios.

Decían dos cosas: Cajo en Dios, cajo en el Demonio. Me parecía que sólo las mujeres creían de verdad en Dios.

"¿Y el Demonio? ¿Existe el Demonio?"

"¡Por supuesto!"

El hervor hacía bailar la tapa de la olla. De aquella boca mutante salían vaharadas de vapor e gargajos de espuma y berza. Una abeja revoloteaba en el techo alrededor de la lámpara eléctrica que colgaba de un cable trenzado. Mamá estaba enfurruñada como cada vez que tenía que planchar. Su cara se tensaba cuando marcaba la raya de las perneras. Pero ahora hablaba en un tono suave y algo triste, como si se refiriera a un desvalido.

"El Demonio era un ángel, pero se hizo malo".

La abeja batió contra la lámpara, que osciló ligeramente y desordenó las sombras.

"El maestro dijo hoy que las mariposas también tienen lengua, una lengua finita y muy larga, que llevan enrollada como el resorte de un reloj. Nos la va a enseñar con un aparato que le tienen que mandar de Madrid. ¿A que parece mentira eso de que las mariposas tengan lengua?"

"Si él lo dice, es cierto. Hay muchas cosas que parecen mentira y son verdad. ¿Te gusta la escuela?"

"Mucho. Y no pega. El maestro no pega".

No, el maestro don Gregorio no pegaba. Por lo contrario, casi siempre sonreía con su cara de sapo. Cuando dos peleaban en el recreo, los llamaba, " parecen carneros", y hacía que se dieran la mano.

Luego, los sentaba en el mismo pupitre. Así fue como hice mi mejor amigo, Dombodán, grande, bondadoso y torpe. Había otro rapaz, Eladio, que tenía un lunar en la mejilla, en el que golpearía con gusto, pero nunca lo hice por miedo a que el maestro me mandara darle la mano y que me cambiara junto a Dombodán. El modo que tenía don Gregorio de mostrar un gran enfado era el silencio.

"Si ustedes no se callan, tendré que callar yo".

Y iba cara al ventanal, con la mirada ausente, perdida en el Sinaí. Era un silencio prolongado, desasosegante, como si nos dejara abandonados en un extraño país.

Sentí pronto que el silencio del maestro era el peor castigo imaginable. Porque todo lo que tocaba era un cuento atrapante. El cuento podía comenzar con una hoja de papel, después de pasar por el Amazonas y el sístole y diástole del corazón. Todo se enhebraba, todo tenía sentido. La hierba, la oveja, la lana, mi frío. Cuando el maestro se dirigía al mapamundi, nos quedábamos atentos como si se iluminara la pantalla del cine Rex. Sentíamos el miedo de los indios cuando escucharon por vez primera el relincho de los caballos y el estampido del arcabuz. Íbamos a lomo de los elefantes de Aníbal de Cartago por las nieves de los Alpes, camino de Roma. Luchamos con palos y piedras en Ponte Sampaio contra las tropas de Napoleón. Pero no todo eran guerras.

Hacíamos hoces y rejas de arado en las herrerías del Incio. Escribimos cancioneros de amor en Provenza y en el mar de Vigo. Construimos el Pórtico da Gloria. Plantamos las patatas que vinieron de América. Y a América emigramos cuando vino la peste de la patata.

"Las patatas vinieron de América", le dije a mi madre en el almuerzo, cuando dejó el plato delante mío.

"¡Que iban a venir de América! Siempre hubo patatas", sentenció ella. "No. Antes se comían castañas. Y también vino de América el maíz". Era la primera vez que tenía clara la sensación de que, gracias al maestro, sabía cosas importantes de nuestro mundo que ellos, los padres, desconocían.

Pero los momentos más fascinantes de la escuela eran cuando el maestro hablaba de los bichos. Las arañas de agua inventaban el submarino. Las hormigas cuidaban de un ganado que daba leche con azúcar y cultivaban hongos. Había un pájaro en Australia que pintaba de colores su nido con una especie de óleo que fabricaba con pigmentos vegetales. Nunca me olvidaré. Se llamaba tilonorrinco. El macho ponía una orquídea en el nuevo nido para atraer a la hembra.

Tal era mi interés que me convertí en el suministrador de bichos de don Gregorio y él me acogió como el mejor discípulo. Había sábados y feriados que pasaba por mi casa y íbamos juntos de excursión. Recorriamos las orillas del río, las gándaras (*), el bosque, y subíamos al monte Sinaí. Cada viaje de esos era para mi como una ruta del descubrimiento. Volvíamos siempre con un tesoro. Una mantis. Una libélula. Un escornabois (*). Y una mariposa distinta cada vez, aunque yo solo recuerde el nombre de una es la que el maestro llamó Iris, y que brillaba hermosísima posada en el barro o en el estiércol.

De regreso, cantábamos por las correoiras como dos viejos compañeros. Los lunes, en la escuela, el maestro decía: "Y ahora vamos a hablar de los bichos de Gorrión".

Para mis padres, esas atenciones del maestro eran una honra. Aquellos días de excursión, mi madre preparaba la merienda para los dos. "No hacía falta, señora, yo ya voy comido", insistía don Gregorio. Pero a la vuelta, decía: "Gracias, señora, exquisita la merienda".

"Estoy segura de que pasa necesidades", decía mi madre por la noche.

"Los maestros no ganan lo que tienen que ganar", sentenciaba, con sentida solemnidad, mi padre. "Ellos son las luces de la República".

"¡La República, la República! ¡Ya veremos donde va a parar la República!"

Mi padre era republicano. Mi madre, no. Quiero decir que mi madre era de misa diaria y los republicanos aparecían como enemigos de la Iglesia.

Procuraban no discutir cuando yo estaba delante, pero muchas veces los sorprendía.

"¿Qué tienes tu contra Azaña? Esa es cosa del cura, que te anda calentando la cabeza".

"Yo a misa voy a rezar", decía mi madre.

"Tu, si, pero el cura no".

Un día que don Gregorio vino a recogerme para ir a buscar mariposas, mi padre le dijo que, si no tenía inconveniente, le gustaría "tomarle las medidas para un traje".

El maestro miró alrededor con desconcierto.

"Es mi oficio", dijo mi padre con una sonrisa.

"Respeto muchos los oficios", dijo por fin el maestro.

Don Gregorio llevó puesto aquel traje durante un año y lo llevaba también aquel día de julio de 1936 cuando se cruzó conmigo en la alameda, camino del ayuntamiento.

"¿Qué hay, Gorrión? A ver si este año podemos verles por fin la lengua a las mariposas".

Algo extraño estaba por suceder. Todo el mundo parecía tener prisa, pero no se movía. Los que miraban para la derecha, viraban cara a la izquierda. Cordeiro, el recolector de basura y hojas secas, estaba sentado en un banco, cerca del palco de la música. Yo nunca viera sentado en un banco a Cordeiro. Miró cara para arriba, con la mano de visera. Cuando Cordeiro miraba así y callaban los pájaros era que venía una tormenta.

Sentí el estruendo de una moto solitaria. Era un guarda con una bandera sujeta en el asiento de atrás. Pasó delante del ayuntamiento y miró cara a los hombres que conversaban inquietos en el porche. Gritó: "¡Arriba España!" Y arrancó de nuevo la moto dejando atrás una estela de estallidos.

Las madres comenzaron a llamar por los niños. En la casa, parecía haber muerto otra vez la abuela. Mi padre amontonaba colillas en el cenicero y mi madre lloraba y hacía cosas sin sentido, como abrir el grifo del agua y lavar los platos limpios y guardar los sucios.

Llamaron a la puerta y mis padres miraron el picaporte con desasosiego. Era Amelia, la vecina, que trabajaba en la casa de Suárez, el indiano.

"¿Saben lo que está pasando? En la Coruña los militares declararon el estado de guerra. Están disparando contra el Gobierno Civil".

"¡Santo cielo!", se persignó mi madre.

"Y aquí", continuó Amelia en voz baja, como si las paredes oyeran, "Se dice que el alcalde llamó al capitán de carabineros pero que este mandó decir que estaba enfermo."

Al día siguiente no me dejaron salir a la calle. Yo miraba por la ventana y todos los que pasaban me parecían sombras encogidas, como si de pronto cayera el invierno y el viento arrastrara a los gorriones de la Alameda como hojas secas.

Llegaron tropas de la capital y ocuparon el ayuntamiento. Mamá salió para ir a la misa y volvió pálida y triste, como si se hiciera vieja en media hora.

"Están pasando cosas terribles, Ramón", oí que le decía, entre sollozos, a mi padre. También él había envejecido. Peor todavía. Parecía que había perdido toda voluntad.

Se arrellanó en un sillón y no se movía. No hablaba. No quería comer.

"Hay que quemar las cosas que te comprometan, Ramón. Los periódicos, los libros. Todo."

Fue mi madre la que tomó la iniciativa aquellos días. Una mañana hizo que mi padre se arreglara bien y lo llevó con ella a la misa. Cuando volvieron, me dijo: "Ven, Moncho, vas a venir con nosotros a la alameda".

Me trajo la ropa de fiesta y, mientras me ayudaba a anudar la corbata, me dijo en voz muy grave: "Recuerda esto, Moncho. Papá no era republicano. Papá no era amigo del alcalde. Papá no hablaba mal de los curas. Y otra cosa muy importante, Moncho. Papá no le regaló un traje al maestro".

"Si que lo regaló".

"No, Moncho. No lo regaló. ¿Entendiste bien? ¡No lo regalo!"

Había mucha gente en la Alameda, toda con ropa de domingo. Bajaban también algunos grupos de las aldeas, mujeres enlutadas, paisanos viejos de chaleco y sombrero, niños con aire asustado, precedidos por algunos hombres con camisa azul y pistola en el cinto. Dos filas de soldados abrían un corredor desde la

escalinata del ayuntamiento hasta unos camiones con remolque entoldado, como los que se usaban para transportar el ganado en la feria grande.

Pero en la alameda no había el alboroto de las ferias sino un silencio grave, de Semana Santa. La gente no se saludaba. Ni siquiera parecían reconocerse los unos a los otros. Toda la atención estaba puesta en la fachada del ayuntamiento.

Un guardia entreabrió la puerta y recorrió el gentío con la mirada. Luego abrió del todo e hizo un gesto con el brazo. De la boca oscura del edificio, escoltados por otros guardas, salieron los detenidos, iban atados de manos y pies, en silente cordada. De algunos no sabía el nombre, pero conocía todos aquellos rostros. El alcalde, el de los sindicatos, el bibliotecario del ateneo Resplandor Obrero, Charli, el vocalista de la orquesta Sol y Vida, el cantero q quien llamaban Hércules, padre de Dombodán... Y al cabo de la cordada, jorobado y feo como un sapo, el maestro.

Se escucharon algunas órdenes y gritos aislados que resonaron en la Alameda como petardos. Poco a poco, de la multitud fue saliendo un ruge-ruge que acabó imitando aquellos apodos.

"¡Traidores! ¡Criminales! ¡Rojos!"

"Grita tu también, Ramón, por lo que más quieras, ¡grita!". Mi madre llevaba agarrado del brazo a papá, como si lo sujetara con toda su fuerza para que no desfalleciera. "¡Que vean que gritas, Ramón, que vean que gritas!"

Y entonces oí como mi padre decía "¡Traidores" con un hilo de voz. Y luego, cada vez más fuerte, "¡Criminales! ¡Rojos!" Saltó del brazo a mi madre y se acercó más a la fila de los soldados, con la mirada enfurecida cara al maestro. "¡Asesino!
¡Anarquista! ¡Comeniños!"

Ahora mamá trataba de retenerlo y le tiró de la chaqueta discretamente. Pero él estaba fuera de sí. "¡Cabrón! ¡Hijo de mala madre! Nunca le había escuchado llamar eso a nadie, ni siquiera al árbitro en el campo de fútbol. "Su madre no tiene la culpa, ¿eh, Moncho?, recuerda eso". Pero ahora se volvía cara a mi enloquecido y me empujaba con la mirada, los ojos llenos de lágrimas y sangre. "¡Grítale tu también, Monchiño, grítale tu también!"

Cuando los camiones arrancaron cargados de presos, yo fui uno de los niños que corrían detrás lanzando piedras. Buscaba con desesperación el rostro del maestro para llamarle traidor y criminal. Pero el convoi era ya una nube de polvo a lo lejos y yo, en el medio de la alameda, con los puños cerrados, sólo fui capaz de murmurar con rabia: "¡Sapo! ¡Tilonorrinco! ¡Iris!"